

Publicado anteriormente pela L&PM Editores em formato padrão em 1982

Capa: Ivan Pinheiro Machado
Revisão: Luciana Balbuena e Jô Saldanha
Editoração: Jô Saldanha
Produção: Lúcia Bohrer

ISBN: 85.254.0964-2

G963g Guimarães, Josué, 1921-1986
O gato no escuro / Josué Guimarães -- Porto Alegre: L&PM, 2001.
178p. ; 17 cm -- (Coleção L&PM Pocket)

1. Ficção brasileira-Contos . I. Título. II. Série.

CDD 869.931
CDU 869.0(81)-34

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© sucessão Josué Guimarães, 2001

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores S/A
Porto Alegre: Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - 90220-180
Floresta - RS / Fone: (0xx51) 225.5777
informações e pedidos: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Impresso no Brasil
2001

Mãos Sujas de Terra / 7
O Cristo Mutilado / 18
O Gato no Escuro / 35
A Doce Luz Verde / 40
A Morte da Velha / 49
Deus Salve a Rainha / 54
O Elefante de Jade / 74
O Pequeno Recruta / 91
João do Rosário / 104
A Morte do Caudilho / 119
A Ronda Noturna / 141
O Beijo na Boca / 153
Terra de Ninguém / 165

Mãos Sujas de Terra

Não, o melhor é não falares, não explicares coisa alguma. Tudo agora está suspenso. Nada agüenta mais nada. E sabe Deus o que é que desencadeia as catástrofes...

– Meu nome completo é Pedro Morais de Oliveira. Morais por parte de mãe, dona Leocádia Gomes Morais, falecida em 1954, de tifo, no mês de agosto de triste recordação, quando morreu de suicídio o doutor Getúlio Dornelles Vargas, nosso grande presidente de saudosa memória. Oliveira do meu pai, Sebastião Juarez Oliveira, morto à traição pelo cabo Leodegário de Tal, da Polícia Militar, num desacerto ocorrido há cinco anos na Estação Rodoviária, quando meu pai tentou prevalecer a sua opinião num caso de justo direito. Sou juntado com dona Rosa Conceição, de prendas domésticas, de pais moradores em Vitória do Espírito Santo, o pai, e em Cachoeiro do Itapemirim, a mãe. Se quer saber, sou pai de quatorze filhos. O maior tem vinte e oito anos e, como eu, é agricultor em Campos, Estado do Rio. O menorzinho tem seis meses. É mulher e se chama

Terezinha de Jesus. Tenho uma outra de três anos. Outra de seis. Outra de nove, a Maria da Graça. Um que devia ter onze anos e que morreu de pneumonia numa noite de ano-bom. Um outro de quatorze que faz biscates na cidade. Dois deles, um de dezoito e outro de dezenove, estão servindo à Pátria, cumprindo o serviço militar obrigatório. Dois outros morreram em pequeno. Um de varíola e outro de difteria. E mais Salatiel, com vinte e dois anos, atualmente cumprindo pena de três anos por fraqueza de caráter e más companhias. Davi, com vinte e quatro, e Geneci, com vinte e cinco, casada com o vigia de uma fábrica de munições em Cachoeiro de Macacu. Somando, o doutor encontra os quatorze. Se faltou algum, eu descubro daqui a pouco. Sou agricultor por necessidade e por profissão. Em tempo algum o sol me pegou deitado, dormindo. Chuva nunca me fez acochar em abrigo de mandrião. Noitecer nunca foi sinal de guardar enxada ou desatrelar arado. Suor de trabalho é remédio, purifica o sangue, fortalece o corpo, mundifica a alma. Praga do demônio ou graça de Deus, gosto dele, o trabalho, da terra e do plantio. Gosto do cheiro de estrume e até do mijo de vaca. Trabalhei metade da vida fazendo biscates nas safras.

Época de colher cana, colhia cana. Tempo de colher milho, colhia milho. Se alguém precisava de arar, aradura era comigo. Plantava moirão, esticava fio de cerca, rachava lenha, tirava água de poço, fazia casa de pau-a-pique ou de adobe, taipa de açude, telhado de santa-fé. O que fosse aparecendo, traçava. Mas a família foi crescendo e eu carecia de criar raiz, como a mandioca. Um pedaço de terra para uma casa e alguma plantação para o sustento do dia a dia. Tomate, batata-doce, feijão-de-vagem, feijão-fradinho, fava-de-quebranto, milho, abóbora, um pé de laranjeira, um canto para criar galinha, que dá carne e ovos. Achei aquelas terras perdidas na Estrada da Lagoinha. Por acaso. Entre o ir-e-vir de uma changa qualquer. Uma gota d'água, doutor, naquele mar de chão. Acheguei depressa, me aproximar foi um zás, como vê. Já lá estava havia quinze anos. Tem vizinho meu com posse da terra há mais de sessenta. Afora um matinho ralo de guabiroba, pitanga, gameleira-branca e araçá, um canto de areião e duas faixas de tabatinga, o resto recebia bem o cultivo de alguma coisa para munção de boca. Pois um dia nós ficamos sabendo que um tal de doutor Eduardo Borman, de mãe brasileira e pai gringo, havia compra-

do a Fazenda Santo Antônio e se dispunha a tocar o negócio pra frente. Mandou o capataz, um tal de Jesuíno, pêlo-duro do Sul, de jipe, avisar a todos nós que aquelas terras faziam parte da sua propriedade de cinqüenta e oito alqueires. Sim senhor, cinqüenta e oito alqueires e, segundo reza a escritura, tudo dele. Mas eu lhe pergunto, doutor, que valia tinha para o homem o meu meio hectare requife naquela nação toda de terra? Sair, ninguém ia sair, lhe confesso. Gente pobre, doutor, mas trabalhadora e teimosa. Ir para a estrada se vai, mas quando se leva apenas o próprio corpo. Não se pode dormir ao relento com a criançada toda. Família de muito filho. Um sempre está doente. E depois, doutor, há de convir que a gente agarra amor pelo que tem. Deus quando botou terra no mundo não deu escritura pra ninguém. Cada um ficou com o que podia plantar e gozar. Isso foi desde a criação do mundo, doutor. Bem, o senhor quer ouvir a respeito do crime. É do seu direito e do seu ofício. Mas não acredito que possa fazer muito por mim. Não se é dono do seu nariz quando a morada é prisão. Aqui se obedece e acata ordens. Pois como ia contando, o dono da fazenda não queria saber de desculpas. A gente podia estar na terra cem

anos, duzentos anos, que a terra era sempre dele. Dava prazos e o capataz não saía mais de lá, rondando. No começo, conversava. Espio-lhava tudo.

Bisbilhotava. A gente sabia que ele era o vigieiro do homem. Grulha não havia, a recomendação era moita. Boa-tarde aqui, boa-tarde ali, tudo parecendo desinformado da intenção do sacripanta de ver a gente como estroço em busca de cortiço. Depois foi ficando impaciente e ameaçava. Até maldade começou a fazer. Numa noite, os seus homens foram lá e mataram toda a minha criação. Fizeram o mesmo com os outros. Acabaram com o pomar do compadre Vilário. Mataram quatro vacas do Francisco Coelho, o maneta, pai de oito filhos. Como mesmo assim não conseguisse nos vencer, entrou na justiça. Justiça é Justiça, doutor, e o senhor bem sabe disso. É o remédio que nos resta. Deve sempre estar ao lado dos pobres e desafortunados. Mas não sei, não. Tanto ele armou e fuxicou, sei lá que documentos falsificou, que no outro dia foram nos avisar que a Justiça decidira mandar a gente abandonar as terras. Não era coisa de se acreditar. E que fazer? Na casa do Justino Cardoso, que é a maior, todos se encontravam de noite

para saber como agir naquelas aperturas. A primeira providência foi azeitar as espingardas de quem tinha. "Tico-tico", "Pica-pau", essas de praticar passarinhagem, que o senhor também deve conhecer por "Flaubert". Calibre vinte-e-dois, de carregar desnucando, levezinha e silenciosa. Alguns tinham garrucha de carregar com chumbo, pela boca. Não senhor, não era para matar ninguém. O pensamento era usar as escopetas na defesa dos nossos pertences que o capataz mandava destruir. Meia dúzia de nós ficava de guarda durante a noite. Num jirau armado no cinamomo chapéu-de-sol, na boca da estrada. Passante não tinha outro caminho. Pelo Norte, o pedrouço não deixava. No valão da estrada, uma trincheira melhor do que as de intenção. Ou mesmo no forro do cortelho do Eleutério-das-bananeiras, mirante a jeito, descortinado. Depois, quando ele ganhou na Justiça, começou a cercar tudo com arame farpado, cinturão de cinco fios. Chegou a passar o aramado na estrada que a gente abria e usava.

Não tivemos outro remédio senão cortar o alambrado e arrancar os moirões de eucalipto. Não havia mais tranqüilidade, doutor. Numa noite, então, na casa do Justino, em desespero

de causa, fizemos o julgamento do homem. Bem, a gente não era Justiça e nem tinha capacitação para tal. Isso é verdade. Compreendemos muito bem, doutor. Acontece que se o senhor se colocar no nosso lugar e não nos der razão, pelo menos vai nos compreender. Foi um julgamento dentro do direito. Feito em nome de Deus. Em defesa dos inocentes que iam morrer de maleita no meio da estrada. Um julgamento por voto. Sem pressão nem ameaça. Silvério Ataíde achou que a gente não podia fazer uma coisa daquelas, mas quando votou, votou de acordo com os outros. E já sabe: o doutor Eduardo foi condenado a morrer no dia 18, um sábado, dez dias depois daquela noite. Seria tocado no local denominado "Passo do Urubu", entre 10 e 11 horas. Um lugar feito a propósito para isso. De um lado, mato cerrado. Do outro, elevação de pedra solta e capim-elefante. Caminho estreito numa baixada. E depois, estrada obrigatória para atingir o resto da fazenda que ele estava mandando cercar. O combinado, doutor, era Chico Hilário atirar primeiro, como sinal. E atirar de garrucha, que faz mais barulho que mortandade. Aí todos atirariam. Cada um, pelo menos, deveria meter o seu chumbo no corpo do al-

goz. Como a gente era vinte e dois, ninguém ficaria culpado pelo crime. Um momento, doutor, já chego lá. Isso que eu contei era o que todos pensavam fazer, mas eu matutei diferente. Votei pela morte dele, também, e não arredaria pé dessa intenção. Mas me agoniava envolver os vinte e dois homens na morte do desalmado. Era um preço muito alto, doutor, há de convir. Passei três noites de olho aberto. Na quarta noite decidi, juntamente com Deus Nosso Senhor, matar o fazendeiro com as minhas próprias mãos. E se assim resolvi, assim fiz. Não senhor, não tocaiarei. Fui até lá e disse para o capataz que queria falar com o dono. Como estava desconfiado, menti que queria ajudar a causa dele em troca de um pedaço de terra. Foi assim que consegui ver de perto o homem, doutor. Nem muito velho, nem muito moço. Devia ter o quê? Uns quarenta e cinco anos? Cinquenta, diz o senhor. Pois errei por pouco. Barba bem feita, cara lisa, camisa branca acabada de sair do ferro-de-engomar. Calça americana dessas de brim coringa. Fumava cigarro feito. Falamos de pé. O homem meio arredio e sestroso. contei o meu plano: ele me dava um outro pedacinho de terra para os lados da Várzea Pequena, me ajudava a trans-

portar a casa e os tarecos e eu, em troca, ajudaria a tirar os outros da sua propriedade. Pareceu gostar da idéia. Mandou que eu sentasse num banco ali fora, à sombra de uma figueira. Um lindo lugar. No galpão novo um trator-de-esteira como que saído da fábrica, reluzindo o amarelão da pintura. Um "Chevrolet" último tipo, atarracado e brilhante. Estavam começando a gramar tudo em redor. Demão de cal no tronco das árvores, todas elas parecendo de meia-branca, domingueira. Pensei no que é gosto e dinheiro. Aí, como o capataz não arredava pé, eu disse que estava com sede e pedi uma caneca d'água. Ele foi buscar. Eu já havia começado a enrolar o palheiro e pedi fogo, se me fizesse o favor. O resto, doutor, o senhor já deve saber nem que seja por ouvir dizer. Dei duas facadas na altura do peito. Fiquei com pena de manchar aquela camisa nova. Ele nem chegou a gritar. Apenas grunhiu como porco. Os olhos azuis ficaram deste tamanho. Quando recebi o tiro do capataz, que vinha trazendo água, o homem já estava no chão e eu cansado de tanto matar. Pois me julgue como quiser, doutor. O senhor tem a lei na mão e é amante dela. A lei é de classificar as coisas e de dar nome aos atos que o homem pratica. Pois en-

contre um nome para o que pratiquei. Vai ser um nome bendito, lhe asseguro. Fiz de premeditação. Cabeça fria. Cabeça no lugar. Se fosse preciso, faria tudo de novo, facada por facada. Depois, o senhor sabe, perdi a consciência, acho que com esta cornhada que me abriu o lado da cara. Um tiro me esfacelou o osso da perna e daí não poder mais andar. Esta mão quebrada só incomoda pela dor. Mas a gente usa menos esta mão esquerda. O resto do escalavrado que o senhor vê é capaz de sarar dentro de duas semanas, lavando com água-e-sal. Mas não me arrependo, doutor. Sei que cada um deles pega uma criança das minhas. Em troca de um prato de comida elas ajudam. Rosa Conceição fica com a de seis meses, a Teresinha de Jesus, que não anda lá muito bem com os vermes. O mais velho, se não for despejado em Campos, há de ajudar um pouco os irmãos menores. Ele é forte como um touro e decidido como o pai. Eu morro por aqui mesmo, doutor, sem necessidade de levantar antes do sol, nem de me encharcar na chuva ou chafurdar no barro. Vai ser assim como tirar férias, doutor, que nunca antes eu havia tirado. Bem, é claro, vou sentir um pouco de saudades da meninada. Mas quando ela apertar, a

gente segura a cabeça com as mãos e chora como homem, que sempre alivia. O que me satisfaz, lhe confesso, é saber que ele não tira terra de mais ninguém. E nem precisa, ora essa. Sete palmos dão de sobra para a necessidade de um homem morto. E isso muita gente não sabe. Desculpe, doutor, o tempo que lhe tomei. É seu ofício. O meu é plantar, semear e colher. Viver de rabiça na mão, da manhã à noite. Cavar o chão e dele tirar comida, o pão-nosso-de-cada-dia. E provo isso, doutor. Veja: minhas mãos estão sempre sujas de terra.